

Despraticando as normas do olhar

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica [...]

Manoel de Barros em "Memórias Inventadas"



Fonte: Manoel de Barros, 2010, p. 124. (Iluminura de Martha Barros).

Ver errado! Ou ver de outro jeito? Ultimamente temos visto plurais: *rios na beira de uma garça*; estradas na beira de uma árvore; geografias nas imagens; contradições nas grafias dos olhares; mares nas entrelinhas das letras miúdas que nos chegam já misturadas com imagens e imaginações. Talvez seja uma disfunção d'alma ou delírios. E pensando de outro modo, preferimos que assim o seja, sem o vacilante "talvez", porque "esses delírios irracionais da imaginação fazem mais bela a nossa linguagem" (BARROS, 2010, p.175). Esses delírios nos ajudam a escapar das miradas do OLHO ÚNICO e da lógica da vida. Para contentar a vida não se pode ter um único modo de ver e viver. Sobre as superfícies lisas dos mapas, das fotografias, das supostas linhas retas e fixas que alimentam nossas projeções acerca do futuro, estão abrigadas as surpresas das linguagens criadas por nós e das nossas experimentações com elas... Desacostumar. Inventar trajetórias.

Eis o dossiê, ***Educação pelas imagens e suas geografias*** – oriundo de trajetórias de pessoas que tem nas imagens e em suas geografias o mote para terem participado do II Colóquio Internacional de nome homônimo a este dossiê, realizado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), na cidade de São Paulo/SP/Brasil – e agora publicado na revista **Geograficidade**. Os autores aqui reunidos por meio de seus textos materializaram parte das reflexões e imagens apresentadas no decorrer do evento mencionado, tratando-se de trabalhos que vem sendo realizados em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado. A produção e organização deste dossiê foram gestadas paralelamente à organização do livro "GRAFIAS DO ESPAÇO – imagens da educação geográfica contemporânea" (a ser publicado pela Editora Átomo e Alínea), no qual o leitor encontrará textos de todos os autores (nacionais e estrangeiros) que participaram das mesas redondas do II Colóquio.

DOS TEXTOS DOS AUTORES

Miradas outras! Miradas inventadas! Os autores e autoras dos artigos teceram seus escritos tendo no tripé **cultura, imagem e educação geográfica**, suas reflexões acerca da participação das imagens na educação visual contemporânea. Desta participam tanto imagens produzidas e editadas para contextos escolares quanto aquelas elaboradas em circunstâncias descoladas de situações de educação formal. Ambos os contextos estão inter-relacionados e "já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homen-animal, etc". (DELEUZE; PARNET, 1998, p.3). E também já "não há vazios em seu campo visual, ou seja, *vocês não reparam que estão parcialmente cegos*. Ou o que é o mesmo, *não vêem que não vêem*" (VON FOERSTER, 1996, p.60). Isso tudo para apresentar o que nós concebemos por educação visual.

Voltando para as abordagens dadas pelos autores deste dossiê a suas incursões investigativas decidimos dividir seus artigos em três temas: “Educação”; “Imagens e mapas”; e “Cinema e vídeo”.

Na seção seguinte comentaremos, brevemente, sobre cada um dos artigos.

Nas **Notas e Resenhas**, temos as apreciações de Valéria Cazetta sobre o livro “A geografia do samba na cidade de São Paulo” de Alessandro Dozena, e Veronica Hollman acerca da cartografia histórico-cultural da América Latina na coletânea “Mapping Latin America: A Cartographic Reader” de Jordana Dym e Karl Offen.

O primeiro conjunto de artigos está vinculado a questões educacionais. No artigo que inicia o dossiê, Elisabete Maria Garbin e Ivaine Maria Tonini problematizam como determinadas práticas culturais exercidas por jovens nas cidades podem produzir múltiplos (e provisórios) pertencimentos identitários. São tematizados grafites e pichações das ruas e paredes de Porto Alegre/RS de maneira que tais práticas nos fazem refletir sobre outros modos de ser e estar jovem nas metrópoles.

Por sua vez, Rosângela Veiga Julio Ferreira e Jeniffer de Souza Faria discutiram o papel que a literatura e a representação ocupam na aprendizagem de conceitos geográficos para os anos iniciais do ensino fundamental da educação básica, problematizando sentidos atribuídos pelos estudantes do 2º ano a pontos de referência por meio do livro “A casa da Joaquina”. Para tanto, foram analisados desenhos produzidos pelas crianças.

No seu texto “Desterritorialidades”, Ludmila Alexandra dos Santos Sarraipa e Ivânia Marques relatam como alunos do quarto ano do ensino fundamental constroem e praticam as suas próprias concepções sobre território, territorialidade, desterritorialização e “anti-territórios”. As autoras argumentam que a partir da vivência, experiência, poetização e corporificação desses conceitos, as crianças ganham uma compreensão mais profunda do mundo vivido e os processos do cotidiano.

No quarto artigo, Aline Atsuta Braga e Valéria Cazetta analisaram imagens de websites ambientais sobre o suposto fenômeno do aquecimento global. Para tanto partiram da hipótese de que estas imagens estão a nos educar visualmente acerca do referido fenômeno, deslocando, frequentemente, imagens produzidas em contextos geográficos específicos para um significado único, afinal, o aquecimento é **global**. Relativizaram, assim, o papel atribuído à escola no que se refere à construção do que seria o **aquecimento global**, de modo que outros educadores e domínios pedagógicos também produzem imagens acerca dos agravos ao modo de vida de homens e mulheres.

No artigo seguinte, “Imagear: o lugar, os viajantes e as imagens”, Ivânia Marques apresenta o projeto de um “roteiro ecogeográfico” no município de Americana, SP. Os participantes desse estudo se engajaram com dois tipos de imagens: fotografias do seu lugar, tiradas pelo fotógrafo Luis Marques Martinelli, e as fotografias que eles mesmos produziram com a ajuda de uma câmera *pinhole* ao perambular a cidade.

Por fim, Roberto Souza Ribeiro, descreve e analisa um processo de estudo desenvolvido no Estágio-Docência em nível de Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Santa Catarina, disciplina GCN - Cartografia Escolar, oferecida pelo Curso de Graduação em Geografia, lançando mão da fotografia e a foto-sequência. No texto, o autor abordou a importância da utilização da imagem para ampliar o diálogo da inclusão no escopo das pesquisas em ensino de geografia.

O segundo *cluster* de textos aborda imagens e mapas. Maria Helena Lenzi inicia o debate e traz à tona a discussão a respeito das imagens nos estudos geográficos sobre as cidades, partindo do pressuposto de que as imagens expressam não só presenças, mas ausências. O estudo de caso, exemplificado ao longo do texto, versou sobre as imagens atuais de divulgação de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

Tiago Rossi Viana a partir de considerações sobre a ideia de imagem, e em especial sobre a fotografia, da autora Susan Sontag, transcreve as sensações despertadas pelo olhar que percorre trilhas sobre um conjunto de fotografias do fotógrafo brasileiro Claudio Edinger, cujos cenários foram cidades como as de São Paulo, Rio de Janeiro e Paris.

Antônio Carlos Queiroz Filho, subsidiado pelas referências do pós-estruturalismo e da filosofia da diferença, abordou a realização de uma prática educativa com alunos do curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com o propósito de produzir relatos de viagem a partir da ideia de pensamento menor discutida por Deleuze e Guattari, aproximando Geografia e Arte como forma de criar possibilidades outras de explicar o mundo: aproximando afetividade de efetividade política.

Gabriela Leiras reflete por meio do contexto da arte contemporânea as cartografias que se utilizam das novas tecnologias (como as mídias locativas) e do suporte da internet para documentar, desenvolver e divulgar suas ações. A autora considera as práticas artísticas como ações que partem do espaço e o modificam, pois as cartografias não só representam como também criam território; todo mapa é uma reterritorialização. A partir disso, Leiras reflete sobre as apropriações tecnológicas na criação de cartografias, visando outra representação do espaço para além da hegemônica, propondo novas cartografias, novos mapas contemporâneos.

Finalizando a sequência de textos desta seção temática, Andre Reyes Novaes discute as relações entre geografia escolar e cartografia midiática, tendo como ponto de partida a polêmica criada em torno de um mapa sobre o tráfico de drogas ilícitas veiculado na imprensa e inserido em um livro didático de geografia. Inicialmente o autor reflete sobre o mapa no contexto da geografia escolar para em seguida explorar a linguagem cartográfica do mapa em questão, debatendo sobre as formas alternativas de representação veiculadas na imprensa nacional nos últimos quarenta anos.

O último grupo de artigos versa sobre cinema e vídeos. Silvana Flores inaugura essa seção do dossiê, analisando as representações audiovisuais sobre o mar e sua vinculação com o espaço continental existentes em alguns filmes do Cinema Novo Latino Americano, especialmente Brasil e Cuba. Ao indagar acerca da tendência que surgiu nos anos de 1960 na América Latina de restaurar a consciência de uma identidade nacional, Flores advoga em prol de que estas produções audiovisuais consistiram na instalação de uma perspectiva anticolonialista própria dos parâmetros sociopolíticos emergentes neste período, resultando na confecção de novas propostas ideológicas do conceito de nação e nos modos de representá-la pelos discursos oficiais.

Andrea Cuarterolo elege para suas reflexões o *travelogue* ou filme de viagem que teve no começo do século XX um duplo propósito: transferir virtualmente o espectador para os espaços representados; e legitimar a intervenção nos territórios coloniais ou a conquista e expansão dos territórios nacionais dominados pelos indígenas (os “outros”). Cuarterolo estudou os laços que vinculavam a viagem às novas técnicas de reprodução mecânica, desde o duplo caráter dos dispositivos virtuais de exploração e instrumentos civilizatórios, quanto às múltiplas estratégias formais, temáticas e discursivas que o *travelogue* retomou da fotografia.

Juliana Pereira de Andrade Monteiro aborda a relação entre educação e imagens e as geografias produzidas, apreendidas e disseminadas a partir de uma gama de filmes (ou das imagens cinematográficas). A partir da articulação entre essas três áreas a autora discute o que seria **consciência geográfica**.

Laisa Blancy de Oliveira Guarienti terá em seus escritos o desvio como (des)foco; o desvio como problematizador e disparador de novos problemas; o desvio conceituado por três filósofos; o desvio como uma via possível. Do filme “Os Incompreendidos” (1959) de François Truffaut, a autora seguirá junto com Antoine, personagem principal do filme, por meio dos fluxos já traçados e demarcados pelas instituições ditas hegemônicas (escola, família, reformatório, cidade,...). É com ele que Guarienti chegará ao mar, ponto de referência para a deriva; aí entrará a geografia, que nos permite vagar pelos espaços sem fronteiras e a pensar o novo, o que ainda não foi traçado.

Cristiano Barbosa e Juliana Soares Bom-tempo percorrem o espaço que se configura no processo de produção do vídeo documentário a partir de uma perspectiva relacional entre os encontros dos envolvidos e a criação de novas espacialidades. Para isso, os autores analisaram a produção do vídeo documentário “Tem Gente no Parque”, com base no conceito de devir de Deleuze e Guattari e utilizaram, conjuntamente, as concepções de espaço da geógrafa Doreen Massey e do poeta Ferreira Gullar, além das proposições de documentário do cineasta Eduardo Coutinho, objetivando cartografar conexões desses pensadores na relação entre vídeo, devir e espaço.

Esses 16 artigos sobre educação, imagens e suas geografias estimulam o pensamento sobre formas de ver, apresentar e representar na escola, nos livros, na cartografia e no cinema. A diversidade dessas escritas confirma as palavras do Manoel de Barros no início dessa apresentação: não há olhares errados, mas existe uma multiplicidade de veres do mundo. Nosso desafio é como “despraticar” essas normas da visão.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. (Trad. Eloisa Araújo Ribeiro). São Paulo: Escuta, 1998.

VON FOERSTER, Heinz. Visão e conhecimento: Disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, Dora F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p.59-74.

Valéria Cazetta

Jörn Seemann

Editores convidados

São Paulo e Crato (Ceará), outubro de 2012.